

## A filosofia única de Max Stirner e sua recepção após a MEGA<sup>2</sup> I/5

Resenha de *All things are nothing to me. The unique philosophy of Max Stirner*, de Jacob Blumenfeld (Winchester, UK: Zero Books, 2018)

Olavo Antunes de Aguiar Ximenes\*

oaaximenes@gmail.com

(Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil)

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v26i1p73-78>

Max Stirner, pseudônimo de Johann Kaspar Schmidt (1806-1856), é um fantasma que ainda nos assombra. Assombrou não só Nietzsche e Foucault, mas também Heidegger e Levinas. Espírito incansável, Stirner e sua teoria também serviram de contraponto para Marx e Engels elaborarem as primeiras linhas da concepção materialista de história e da crítica da ideologia. Desde a publicação, em novembro de 2017, do novo volume I/5 da MEGA<sup>2</sup> (trata-se da segunda edição das obras completas de Marx e Engels, na qual o volume em questão é dedicado aos manuscritos para a “Ideologia alemã”), ficou crescentemente evidente que uma nova tarefa se descortinava aos pesquisadores de Marx e Engels, qual seja, um embate

---

\* Agradeço ao convênio FAPESP e CAPES pelo financiamento da minha pesquisa de doutorado (processo no. 2017/01178-9, FAPESP). Aproveito para agradecer também ao parecerista anônimo pelos comentários generosos.

crítico criterioso com a obra principal de Max Stirner.<sup>1</sup> Jacob Blumenfeld, jovem pesquisador atualmente trabalhando em Berlim, se adiantou a esse movimento ao publicar em 2018 o belo e curto livro ora resenhado.

O livro *All things are nothing to me* (em tradução livre, “Tudo me é indiferente”, é a versão em inglês para “Ich hab’ meine Sach’ auf nichts gestellt”)<sup>2</sup> é dividido de uma forma peculiar em *partes* e não, como estamos acostumados, em capítulos. São ao todo três partes (*A vingança de Stirner*, *O mundo de Stirner*, *Meu Stirner*) subdivididas em seções de extensão variada, cobrindo desde questões propedêuticas a análises da influência - sempre mais ou menos mascarada - de Stirner em autores tão diferentes entre si como Nietzsche e Heidegger e, principalmente, Marx. Acompanha também o livro uma breve introdução e uma conclusão focada na influência de Stirner sobre Marx. O livro é, assim, fragmentado nessas inúmeras seções dentro de cada parte. Isso, contudo, não significa que a leitura do livro fique prejudicada por essas quebras. Seu estilo leve e jornalístico ajuda muito a vencer as dificuldades do texto, muitas vezes barroco, de Stirner. Ao término de cada seção, em geral de duas a quatro páginas, o leitor fica com a sensação de que Blumenfeld não só poderia como deveria ter escrito mais.

O ponto de partida, na primeira parte “Stirner’s Revenge”, é de que as ideias de Stirner sobreviveram a ele. Muitos leitores ou críticos dele tentaram sufocar a força de sua teoria por meio de análises e camadas históricas.<sup>3</sup> Tratam-no, afinal,

---

1 Aqui não é o lugar para reconstruir os inúmeros novos resultados filológicos. De forma sucinta, sabe-se hoje que Marx e Engels travaram esforços principalmente para criticar Stirner e Bauer (e não, como se supôs, Feuerbach). Adicionalmente, conceitos centrais como ideologia e concepção materialista de história foram desenvolvidos ao longo do embate crítico com Stirner. Seja como for, já podemos colher exemplos estrangeiros - pós-publicação da MEGA<sup>2</sup> 1/5 - que se dedicam a examinar o peso de Stirner na teoria de Marx e Engels. Cf. Pagel, U. (2020). *Der Einzige und die Deutsche Ideologie*. Transformationen des aufklärerischen Diskurses im Vormärz. Berlin/Boston: Walter de Gruyter GmbH e Johnson, S. (2018). Os primórdios de “modo de produção” de Karl Marx. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, 2(2), Dossiê Marx & Simmel, 361- 434 (o artigo original de Johnson, em inglês, foi publicado em 2019; a tradução citada é de 2020-2021. O conflito de datas se deve ao fato de que o dossiê Marx & Simmel, no qual a tradução foi publicada, apesar de constar como de 2018, só apareceu efetivamente em 2021). Há também trabalhos nacionais dignos de nota, escritos antes da publicação do novo volume da MEGA<sup>2</sup>. Cf. Souza, J.C. (1993). *A Questão da Individualidade - A Crítica do Humano e do Social na Polêmica Stirner-Marx*. Campinas: Editora da UNICAMP e Otenio, E. (2013). *Max Stirner como crítico da modernidade: entre dialética do esclarecimento e crítica radical da razão*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo. O livro de Pagel (2020) e o artigo de Johnson (2018) são complementares, na medida que o primeiro avalia como o conceito de ideologia surge dentro de “III. São Max” - trata-se do capítulo contra Stirner da “Ideologia alemã” - e o segundo avalia como dentro desse mesmo capítulo Marx passa a usar a categoria de modo de produção como um instrumento de análise histórica.

2 Essa frase, que aparece no poema “Vanitas! Vanitatum Vanitas” (1806) de Goethe, é também a frase de abertura e encerramento d’*O único e sua propriedade*. Traduzida literalmente, essa frase em alemão poderia ser vertida para algo na linha de “eu fundei minha causa sobre (o) nada”. Na nota 1 da página 29 (p. 46), Blumenfeld defende que sua versão dessa frase serviria para indicar que nenhuma causa ou ideia, em resumo, nada que fosse exterior deveria ter poder sobre o seu “eu”.

3 Um ponto extremamente problemático do livro é a defesa de uma leitura teórica a despeito do

como um cachorro morto. Há três condições para que a abordagem de Blumenfeld funcione (pp.5-17). Primeiro, não devemos ler Stirner como se ele fosse um pensador ou teórico sistemático<sup>4</sup> – pelo contrário, o livro *O único e sua propriedade* é, antes de tudo, um amontoado de resultados produzidos em diferentes momentos, sem pretensão de síntese.<sup>5</sup> Segundo, não devemos, como se diz em inglês, tomá-lo por seu valor de face. Ou seja, temos que interpretar - em muitas ocasiões - as afirmações dele como se fossem alegorias (p. 37). Terceiro, há de se ler Stirner como se fosse um filósofo prático. Essas condições implicam interpretá-lo como se ele estivesse *fora do tempo* (p. 14). Dito de uma maneira mais simples, a abordagem de Blumenfeld pressupõe uma suspensão das muitas leituras anteriores de Stirner. Para Blumenfeld, não faz sentido tomar como ponto de partida, por exemplo, que Stirner teria sido um jovem hegeliano, um burguês falido ou ainda um solipsista continuador de Fichte e talvez um nilista. Muito menos útil seria, nesta seara, defender que nosso autor teria sido o primeiro pós-estruturalista.<sup>6</sup> No limite, o livro de Blumenfeld quer aplicar o remédio de Stirner contra ele mesmo. A teoria de Stirner virada contra seu demiurgo. Trata-se aqui de se apropriar, de consumir o pensamento de Stirner, como se fosse nosso próprio pensamento, mesmo que isso viole algumas leis da leitura estrutural de texto<sup>7</sup> e que, para tanto, precisemos reorganizar o texto daquele autor conforme nosso bel-prazer. O problema de fundo desse projeto, me parece, é o da validade de cada versão possível de Stirner que cada teórico poderia idealmente reconstruir, se todos seguissemos essa metodologia de Blumenfeld.

Ainda na primeira parte, é importante notar a defesa de Blumenfeld de que

---

*historicismo*, que é como Blumenfeld nomeia o contexto histórico de surgimento de uma teoria (pp. 10-11). Apesar dessa defesa de uma leitura *fora do tempo* de Stirner, o resultado do livro é satisfatório.

4 Esse teria sido o erro de Marx: “Ele [Stirner] não é um metafísico ou um escritor sistemático. Esse foi o maior erro de Marx ao lê-lo: ele supõe que Stirner estivesse apresentando uma tese depois da outra, construindo um sistema que é inconsistente internamente e, portanto, risivelmente absurdo” (p. 15).

5 Pagel (2020, cap. 6) mostra como foi o longo processo de redação de *O único e sua propriedade*. Stirner, segundo Pagel, não sistematizou nessa obra resultados previamente alcançados. Escreve o comentador: “Como explicou-se na reconstrução da redação do *Único*, a obra de Stirner deve ser vista - também neste ponto comparável com os manuscritos da “Ideologia alemã” - mais como um protocolo de um processo do que como uma elaboração sistemática de resultados já alcançados” (Pagel, 2020, p. 369).

6 Suponho que, com certo espanto, Blumenfeld (p. 16) defenda que Stirner esteja situado em três categorias: filosofia alemã do século XIX, anarquismo e ética. Aproveito para indicar outra tese controversa: para Blumenfeld (p. 2) seria possível interpretar Stirner sem recurso à categoria de *ego* (“I”, “eu” ou “Ich”). Contudo, ao longo do livro, Blumenfeld retoma várias vezes esse conceito (por exemplo, pp. 53-55), pois uma das dificuldades centrais de leitura de Stirner é entender corretamente qual é o sentido *funcional* (em oposição a um uso conceitual ou retórico) de “eu/ego”.

7 “Meu objetivo é chegar a uma leitura consistente do texto, articulando-o não na ordem que Stirner mesmo o escreveu, mas na medida em que eu o reconstruo através do texto, talvez até mesmo a despeito do texto” (p. 51).

o “eu/ego” em Stirner seria, para ser preciso, um *eu/ego concreto* (o de Stirner), isto é, não se trataria de uma categoria conceitual, mas sim funcional. Ou, para colocar à maneira kantiana, não seria um “eu” como condição de possibilidade - ou princípio da teoria. Na seção seguinte, Blumenfeld (pp. 53-55) chega a afirmar que o “eu” de Stirner começa onde a *Fenomenologia do Espírito* acaba. (Aproveito para pontuar que até mesmo a divisão entre partes do livro é, por vezes, precária, pois os assuntos são retomados, sob perspectivas diferentes, ao longo de todas as seções, inclusive o sentido de “eu”, tema de duas seções). Se entender o conceito de “eu”, de acordo com Blumenfeld, não é tarefa trivial, menos ainda é o de “propriedade”, que corresponde não só a um objeto, mas também a uma extensa lista de características, marcas, estilos e, conseqüentemente, a modos de *consumir*. Em suma, trata-se do poder de consumir ou de se *apropriar* de algo.

O papel da primeira parte foi de preparar o terreno ao evitar os problemas da recepção tradicional de Stirner e apresentar alguns temas importante, enquanto o da segunda parte, “Stirner’s World”, avança mais na leitura de Blumenfeld. De acordo com o autor, Stirner teria sido um pioneiro ao postular uma teoria não antropológica. Com efeito, Stirner, de acordo com Blumenfeld, teria exposto a falência do humanismo e da antropologia feuerbachiana (antes de Marx) e, ato contínuo, por meio disso, teria deixado patente a ancoragem antropológica (baseada no trabalho ou, na formulação de Moishe Postone, do ponto de vista do trabalho) da teoria, desenvolvida naquele período, de Marx. No fundo, a crítica de Stirner, segundo Blumenfeld (p. 42-6), era que essa identificação da essência humana com, para usar a terminologia marxista posterior, a capacidade de trabalho também implicaria um erro de estratégia política. Afinal, abolir a propriedade ou torná-la propriedade comunal ou da sociedade somente deslocaria os *mestres* [*masters*] de um lado para o outro da equação, mantendo, desta forma, essencialmente o “eu” em uma posição subalterna.

Chegamos, portanto, à terceira parte, “My Stirner”, a mais extensa e substantiva do livro, que passa em revista a teoria de Stirner e seus desdobramentos posteriores. Segundo Blumenfeld (p. 51), seria um princípio constitutivo do livro de Stirner desfazer seu projeto na medida em que ele avança, evitando fixá-lo teoricamente. O fato é que nessa parte Blumenfeld esboça interpretações de categorias-chave, tais como: eu, proprietário, propriedade, expropriação, liberdade e assim por diante. Esse é o momento mais introdutório à obra de Stirner. De forma geral, Blumenfeld define as categorias acima elencadas de uma forma extremamente didática - algo que considero bem-vindo diante da dificuldade do texto de Stirner. Essas seções são, por sua vez, intermediadas por leituras seja da tradição filosófica, como no caso de Espinosa, seja de autores posteriores, como os já citados Nietzsche,<sup>8</sup> Heidegger,

---

<sup>8</sup> Não se trata, evidentemente, de um tópico novo aproximar Nietzsche de Stirner, como bem lembra

Foucault e Levinas. Todavia, um dos problemas da estrutura do livro é exatamente mobilizar todos esses filósofos, mas sem aprofundar as questões levantadas em cada seção. No fim, Blumenfeld fornece pistas da influência de Stirner sem de fato levar a cabo sua investigação.

Finalmente, na conclusão, “*All things are Nothing to Me: Stirner, Marx, and Communism*”, Blumenfeld defende teses interessantes sobre a influência de Stirner sobre Marx. Faço breve menção a algumas. Primeiro, Blumenfeld (p.132ss) argumenta que a crítica da ideologia presente na assim chamada “Ideologia alemã” é uma incorporação da crítica desempenhada por Stirner; segundo, Stirner teria sido fundamental para a elaboração do materialismo histórico; terceiro, o egoísmo advogado por Stirner deveria se transformar no comunismo (o homem egoísta de Stirner “estaria destinado a se tornar ‘comunista’”).<sup>9</sup>

O fato é que, como mencionado, a nova edição dos manuscritos da “Ideologia alemã” torna patente a influência de Stirner sobre a elaboração teórica de Marx e Engels entre 1845-6. Comentadores e teóricos como Pagel (2020), Johnson (2018), Carver & Blank (2014) e Balibar (2014) defenderam, em diferentes momentos e contextos, que não é mais possível ler a “Ideologia alemã” *somente* pelas lentes do capítulo “I. Feuerbach”, pois o coração dos desenvolvimentos teóricos encontra-se, na verdade, no embate crítico com Stirner. Um retorno a obra dele se tornará, *novamente*, essencial para marxistas.<sup>10</sup>

Seja como for, o livro de Blumenfeld efetivamente se constitui tanto como uma breve introdução à obra de Stirner quanto para a história de sua recepção (de Marx a Foucault), mesmo que sua estrutura seja, ao fim e ao cabo, um pouco caótica. Levando em consideração o escopo introdutório e os objetivos do autor, o livro é particularmente bem sucedido.

## Referências

- Balibar, E. (2014 [1993]). *La philosophie de Marx*. Nouvelle edition, revue et augmentée. Paris: La Découverte/Poche.
- Blumenfeld, J. (2018). *All things are nothing to me. The unique philosophy of Max Stirner*. Winchester, UK: Zero Books.

---

Blumenfeld. Parece-me, contudo, se não problemático, ao menos, pouco convencional o recurso de Blumenfeld à obra *The Will to Power* para ilustrar essa proximidade.

9 “Em uma frase, o egoísmo de Stirner é o comunismo de Marx visto da perspectiva da primeira pessoa do singular” (p. 138).

10 Vale registrar que Souza (1993, p. 179) resume bem o absurdo da situação: “Quanto a Marx é possível que o leitor não tenha ainda observado que ele escreveu algumas centenas de páginas procurando exasperadamente refutar Stirner, um filósofo pouco e mal conhecido. Isso é mais do que dedicou a Proudhon ou a qualquer outro pensador com o qual tenha polemizado. Pode-se dizer que, depois de *O Capital*, é exatamente sobre Stirner - mais precisamente sobre *O Único e sua propriedade* - a obra mais extensa que Marx escreveu para publicação”.

- Carver, T. & Blank, D. (2014). *A Political History of the Editions of Marx and Engel's "German Ideology Manuscripts"*. Nova York: Palgrave Macmillan.
- Johnson, S. (2018). Os primórdios de “modo de produção” de Karl Marx. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, 2(2), Dossiê Marx & Simmel, 361- 434.
- Otenio, E. (2013). *Max Stirner como crítico da modernidade: entre dialética do esclarecimento e crítica radical da razão*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo.
- Pagel, U. (2020). *Der Einzige und die Deutsche Ideologie*. Transformationen des aufklärerischen Diskurses im Vormärz. Berlin/Boston: Walter de Gruyter GmbH.
- Souza, J.C. (1993). *A Questão da Individualidade - A Crítica do Humano e do Social na Polêmica Stirner-Marx*. Campinas: Editora da UNICAMP.

Recebido em: 14.02.2021

Aceito em: 08.06.2021

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhável 4.0 Internacional.  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

